

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

CARLA TATIANE CARVALHO SANTANA

“AMOR É A LEI. AMOR SOB VONTADE”:

Gênero e sexualidade na religião thelêmica

**ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA, SOCIEDADE E
CULTURA**

SÃO PAULO

2013

CARLA TATIANE CARVALHO SANTANA

“AMOR É A LEI. AMOR SOB VONTADE”:

Gênero e sexualidade na religião thelêmica

**ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA, SOCIEDADE E
CULTURA**

Monografia apresentada a instituição Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência para obtenção do título de ESPECIALISTA em História, Sociedade e Cultura sob a orientação do Prof. Doutor Fernando Torres Londoño.

SÃO PAULO

2013

*"Tomai vossa fartura e vontade de amor como quiserdes,
quando, onde e com quem quiserdes."
(Aleister Crowley)*

*"Inútil querer me classificar, eu simplesmente escapulo não deixando.
Gênero não me pega mais."
(Clarice Lispector)*

AGRADECIMENTOS

Pesquisas tomam grandes espaços em nossas vidas (sempre dizemos “esta foi a última!” uma doce mentira e é bom que seja assim). Tomam o espaço do café da manhã, de algumas longas noites de sono, dos passeios no fim de semana e das pessoas que convivem conosco. Este trabalho só foi possível pelo incentivo da minha família, e de todos e todas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste, em especial minha amiga Ana Kelson que expandiu meus conceitos com suas idéias e seus livros (que eu não pude grifar por consideração), aos meus amigos Mary e Juan (*¡muchas gracias!*), a Edmundo Cassis, o homem que divido o teto, a música, os jogos android, a pizza e o canal de TV e meu orientador Fernando Londoño, ao qual posso chamar sem sombra de dúvidas de orientador e apesar de não ter sido meu professor durando os dois anos de curso, também posso chamá-lo de mestre.

RESUMO

O presente trabalho busca a realização de uma investigação histórica sobre os discursos de gênero e sexualidade na religião denominada *Thelema*, composta pelo famoso mago inglês Aleister Crowley (1875 – 1947). A pesquisa encontra embasamento nas teses foucaultianas e sua análise dos discursos sobre a sexualidade. Como fontes de pesquisa foram examinados os discursos presentes nas páginas da revista carioca *Estrela Rubi* no período de 2010 a 2013. Esta revista é uma produção da Loja Quetzalcoatl, sociedade místico-religiosa de orientação thelêmica, vinculada a instituição Ordo Templi Orientis de caráter internacional.

Palavras-Chave: Thelema, religião, revista - Revista Estrela Rubi, Ordo Templi Orientis - Loja Quetzalcoatl, Foucault, sexualidade – gênero.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	07
II. FOUCAULT, GÊNERO E SEXUALIDADE	09
III. A THELEMA DE CROWLEY: APONTAMENTOS GERAIS E BREVE HISTÓRIA DE THELEMA NO BRASIL.....	14
IV. A REVISTA ESTRELA RUBI.....	19
V. GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESTRELA RUBI.....	23
VI CONCLUSÃO.....	35
VII. FONTES DE PESQUISA.....	37
VIII. SITES CONSULTADOS.....	38
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
IX. ANEXO.....	41

I – INTRODUÇÃO

Somos suscetíveis perante as mudanças de paradigmas existentes na sociedade. Direta ou indiretamente, percebemos e sentimos que algo novo existe e que alterações gradativas no mundo formam novas maneiras de pensar e se posicionar. As questões outrora proibidas eclodem com mais naturalidade e estão presente em pautas de simpósios e discussões no plenário. A sexualidade, nesta senda, ainda desperta enormes debates e posicionamentos. Encontramos uma gama de definições, estudos por parte de diversas ciências e movimentos sociais que reivindicam amparo das leis e reconhecimento da sociedade. Uma inter-relação com as diversas religiões, apesar de outrora improvável, tornou-se possível no mundo pós-moderno. As religiões não só chamam para si o debate dos temas sexuais como também possuem em seu discurso, uma forma específica de explicar estes tópicos¹.

São muitas as religiosidades e diversas são as orientações das instituições religiosas perante as questões de gênero e da sexualidade. O proselitismo presente nas religiões tradicionais encontra embates em religiosidades do mundo atual que possuem em sua orientação uma forte tendência a acabar com as dicotomias e quebrar os conceitos, traçando novas visões de mundo, releituras e novas interpretações dos dogmas tradicionais. Este é o caso, por exemplo, da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), composta por católicos e evangélicos que foram discriminados por parte de outras igrejas e nesta instituição, são acolhidos e podem assumir a sua sexualidade. (MARANHÃO FILHO, 2011, p. 190 – 191).

Algumas destas novas religiões da contemporaneidade estão baseadas em um individualismo e uma autonomia tão presentes nas sociedades contemporâneas, que são puro reflexo de novos parâmetros econômico-sociais (TERRIN, 1996). Este fator está relacionado a uma busca por bem-estar individual e encontro de um sentido da vida perante o consumo desenfreado do capitalismo e o cotidiano desvairado dos centros urbanos.

¹Sobre o sexo e os aspectos morais islâmicos (AYYATULLAH, 2008, p. 55 - 71); delimitações de uma moral sexual na visão das Testemunhas de Jeová (A Sentinela, 2011, p. 3 - 9); pregação do representante da pentecostal Assembléia de Deus sobre a sexualidade, a família e a relação homem e mulher (MALAFAIA, 2011, 00:07:35 – 00:13:17).

Thelema apresenta todo este misto. Além de promover uma releitura e ter em seus argumentos certa contestação dos dogmas tradicionais principalmente os cristãos, Thelema, apesar de não fazer parte do fenômeno Nova Era² defendido por TERRIN, também possui em seus ensinamentos uma busca por aprimoramento individual focado em uma individualidade visível, possibilitando ao indivíduo satisfação pessoal. Além disto, apresenta discursos sobre gênero e sexualidade que contestam de maneira explícita os ensinamentos do cristianismo propondo o rompimento das dicotomias e dos conceitos.

Esta é uma religião que teve seu começo em 1904 na Inglaterra ainda em resquícios da era vitoriana e que na atualidade, desperta alguns questionamentos sobre os temas que envolvem o gênero e a sexualidade. Muitos dos questionamentos thelêmicos se direcionam a um esforço de revisar os conceitos tradicionais, tanto sociais quanto religiosos. Como alternativa, propõem uma vivência mística do ser humano, através da prática de rituais resultantes das leituras de diversas culturas, tanto ocidentais, quanto orientais.

Sabemos que o discurso sobre a sexualidade foi construído ao longo do tempo por meio de mecanismos de poder que visavam controlar, classificar e identificar os diversos tipos de sexualidade, utilizando o discurso científico. (FOUCAULT, 1988) Tais discursos se multiplicaram dentro da estrutura de Estado, mecanismos de poder ramificados nas instituições, como na psicologia e no direito, criando normatizações do sujeito na vida íntima, normatizações estas que se mantêm. Atualmente, existem forças e movimentos que tentam escapar ao controle do discurso normalizador, indo na contramão destes padrões de gênero e sexualidade. Um embate de forças aonde as lutas com o objetivo de escapar do controle funcionam dentro do discurso do Estado, em um processo resistência mimética³, reivindicando direitos dentro do próprio sistema. O jogo social das minorias contra os discursos científicos e tradicionais são visíveis nos blogs da internet, nos trabalhos científicos, nos diversos movimentos sociais.

² Conhecemos a Nova Era, *New Age* pela geração do 60, sua cultura de paz e amor, as vozes gritantes dos jovens que meditavam sob a chamada Era de Aquário. Esta Era de Aquário se traduz em um resgate das tradições orientais propondo um novo conceito mundial de aprimoramento do microcosmo (o indivíduo) para a ligação de cada um com o macrocosmo. Muito antes disto, Aleister Crowley, em 1904, já prenunciava o nascimento de uma Nova Era, com outras características e uma forma diversificada de ver o mundo. A data de surgimento da Thelema denuncia que a mesma não é produto da Nova Era, mas que, de alguma forma, suas tendências como a de outras defendidas em algumas sociedades institucionais de caráter ocultistas do período, foram incorporadas ou serviram de inspiração ao movimento que presenciamos na atualidade.

³ Sobre o termo, ver entrevista realizada por Nicole Lapierre com o pesquisador Marc Augé (1983, p. 47)

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso de gênero e sexualidade na religião Thelemica. Quais são as bases do seu(s) discurso(s)? Qual a relação presente entre o discurso de gênero e de sexualidade e a religião que vivenciam? Outra questão que move este trabalho é se o discurso thelemico no que diz respeito à sexualidade e as questões de gênero pretendem criar um novo modelo de gênero e sexualidade ou ficam centralizados a contestação e a crítica dos padrões vigentes (uma perspectiva de relação de poderes). São algumas questões que tentaremos discutir ao longo deste trabalho.

A fonte de pesquisa que orienta esse trabalho é a Revista *Estrela Rubi*, produzida pela Loja Quetzalcoalt, que é a maior representante da Ordo Templi Orientis no Brasil. Essa revista iniciou-se em 2010 e é publicada trimestralmente desde então. Ela expõe artigos sobre Thelema, cultura, rituais, textos diversos e textos de autoria dos membros da Loja. Atualmente a revista possui doze edições de publicação gratuita nestes anos de existência.

Integra-se também a pesquisa, como fontes complementares, bibliografia que versa sobre Thelema, a fim de integrar os temas e contribuir com os objetivos da pesquisa. Os autores foram escolhidos levando em consideração a documentação disponível, assim como a importância deles em âmbito teórico thelemico.

Para desenvolver o presente trabalho, as fontes históricas delimitadas serão consideradas, acima de tudo, como expressão ideológica resultado da orientação religiosa deste grupo. Como orientação teórica, a religião será vista como uma esfera particular da sociedade, mas que dialoga, influencia e recebe contribuições de todos os ramos sociais.

II – FOUCAULT, GÊNERO E SEXUALIDADE

Existem numerosas produções teóricas sobre as temáticas de gênero e sexualidade sobre muitos vieses⁴, históricos, clínicos, antropológicos, sociológicos, teológicos o que no mínimo indica uma necessidade de explicar e entender estes aspectos, analisando conceitos, desconstruindo ideias comuns na sociedade. Na atualidade, os debates sobre a sexualidade e

⁴ Pesquisa feita na plataforma Lattes indica nível de doutorado, 8684 ocorrências para o termo 'sexualidade' e 24513 encontrados para: 'gênero'.

gênero são pautas não apenas das pesquisas acadêmicas, mas também, como anteriormente visto, das instituições religiosas. Existe na sociedade hodierna, uma preocupação em posicionar-se e falar sobre estes aspectos. Foucault desenvolveu grandiosas discussões sobre a construção discursiva da sexualidade e o controle desta por mecanismo de poder.

Traçando uma análise histórica, Foucault em sua *História da Sexualidade*, afirma que o século XVII procedeu a uma dominação do sexo, primeiramente em nível de discurso, restringindo as palavras, censurando aquilo que poderia ser dito. A partir do século XVII surge uma maior discussão sobre o sexo, principalmente por dispositivos institucionais de poder: “incitação a falar de sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e fazê-lo falar ele próprio sob a forma de articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado”. (FOUCAULT, 1988, p. 24) O incentivo para falar do sexo e falar tudo que estava contido e regrado, teve um apoio principal por parte da Igreja. Segundo o autor, a Igreja desempenhou um papel de controle da sexualidade, papel que se iniciou na Idade Média, com a invenção da confissão. Para DELUMEAU (apud, LOPES, 2009, p. 178) a confissão desempenhou uma função controladora e coercitiva através de um discurso que produzia o medo e a culpa, onde concedia em troca desta exposição do indivíduo, um perdão que estimulava a prática do dizer e do castigo. Esta moderação eclesiástica ocorre na medida em que através das confissões, estabelece um "*fazer falar*" da sexualidade como um aspecto vergonhoso que deve ser restrito a obscuridade e também sentenciado, incitando a culpa e no estímulo da revelação, proceder julgamento do indivíduo.

Um discurso obediente e atento deve, portanto, seguir, segundo todos os seus desvios, a linha de junção do corpo e da alma: ele revela, sob a superfície dos pecados, a nervura ininterrupta da carne. Sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego. (FOUCAULT, 1988, p. 26)

A família também desempenha um papel importante no controle da sexualidade e delimitação dos gêneros. Para BUSIN (2011, p. 115) a família é a instituição utilizada pelo cristianismo para controlar a sexualidade. Ela é valorizada e incentivada, porque nela se encontra o sexo com objetivo único de procriação em contraponto ao sexo com prazer, livre de propósito de gerar rebentos. Se na atualidade a religião não utiliza “mecanismos coercitivos” é através da família a aliança para transmitir os valores morais religiosos. O

discurso bíblico engendra estes fatores. O tempo histórico foi alicerce para os fundamentos religiosos e engessou o passado num presente que é sempre vivo nos dogmas. Se o cristianismo delimita bastante os papéis do gênero e segundo BUSIN (Ibid., p. 116 – 118) delimita o papel da mulher na sociedade (sinônimo de fragilidade e submissão), isto é reflexo de um tempo histórico específico.

A instituição religiosa controlou a sexualidade na medida em que solicitou que ela fosse falada, supervisionando os desejos através do próprio discurso e atribuindo como pecado os prazeres da carne. Através do discurso, foi possível elaborar orientações, deslocar os pensamentos libidinosos, conter os desejos de maneira burocratizada, sendo constituída uma verdadeira aparelhagem oficial para produzir discursos sobre o sexo. Este tipo de técnica será apoiada segundo Foucault por outros mecanismos de poder, desta vez estabelecendo uma técnica que produzia um discurso de maneira mensurada, classificada.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é pra mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. (FOUCAULT, 1988, p. 30-31)

A questão neste momento, não é explicar e controlar a nível religioso a sexualidade alheia, não é distinguir o comportamento sexual no patamar do que é certo e o que é errado em nível de conduta religiosa. Temos um controle institucional, metódico, uma divisão e classificação do sexo como espécie e, portanto, uma sexualidade que torna-se administrada através de discursos de caráter científicos.

E o científico toma proporções maiores, pois possui em si atribuições de legitimidade. Nem sempre há separação do discurso baseado na crença com aquele científico-analítico. Na atualidade, podemos ver que algumas vezes, o discurso científico, pode ser utilizado pela esfera religiosa como forma de legitimação dos seus dogmas. O projeto “cura gay”⁵ proposto

⁵A proposta permitia o tratamento por psicólogos de pacientes que quisessem "reverter" a homossexualidade. O projeto foi arquivado por solicitação do próprio autor em 2 de Julho deste ano. Informações disponíveis em:

recentemente pelo deputado João Campos (PSDB-GO) e defendido salientemente pelo pastor, deputado e então Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias Marco Feliciano (PSC-SP), demonstra como a crença pode se vestir de um discurso validado socialmente para justificar as suas premissas.

Com o passar do tempo, e cada vez mais, o Estado passa a regular a sexualidade utilizando o discurso científico, administrando a vida íntima e privada, aquilo que era feito dentro das residências ou embaixo dos lençóis. Ou seja, a vida sexual passa a ser objeto de intervenção. A burocracia estatal não só imprime os papéis e dá regularidade ao funcionamento da população, como também verifica, analisa e mensura toda a vida íntima de cada indivíduo.

No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. (FOUCAULT, 1988, p. 32)

Discursos e saberes são produzidos para estabelecer o controle populacional, direcionando a sexualidade através de explicações oficiais que administra e controla o íntimo. É preciso prevenir os adolescentes, os casais e os filhos. Ao mesmo tempo, a ausência da fala identifica dizeres, pois “não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos”. (FOUCAULT, 1988, p. 34). Este mutismo é seletivo, consciente e fala como as palavras ditas.

A sexualidade torna-se algo que deve ser dito e através destes dizeres, das confissões, dos discursos científicos foram elaboradas as normas de conduta, as orientações sociais, os conceitos, isto é, uma multiplicidade de discursos ao longo da história. Tornou-se assunto de Direito e esta palavra refere-se ao enquadramento de leis, a colocação do sexo como coisa jurídica. O sexo, será sadio se for restrito ao relacionamento do casal, nesta relação há discrição, há normalidade. O matrimônio faz parte da ordem correta da sociedade, enquanto os demais passam a ser analisados perante a ciência e interrogados nos tribunais. As *sexualidades periféricas* serão caçadas.

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ele é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular (...) “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 50 – 51)

O autor afirma que existe um controle sobre o homossexual como indivíduo que precisa ser observado e analisado. Em cima do homossexual, surge uma preocupação com a classificação, com a identificação, além de uma repressão baseada mais uma vez no discurso: o misto, o estranho, aquele divergente perante as normas de conduta. Ora, o homossexual é o antigo sodomita, desta vez conceitualizado, analisado clinicamente, classificado. Toda classificação parte da comparação. Comparou-se o “estranho” ao modelo do que fora considerado normal e agora, a homossexualidade pode ser identificada e tratada. A comparação entre o heterossexual (modelo comum e aceito) e o homossexual, acabou transferindo estes para o lado exótico, estranho, anormal.

Existe intolerância na liberdade conquistada à custa de muita luta. Se comparado ao século XIX, como veremos a seguir, percebemos que o homossexual saiu do campo da clandestinidade assumindo a sua sexualidade. Se antes o falar estava associado à confissão, ao punir e inculcar o medo, hoje, falam da própria sexualidade solicitando direitos que a sociedade os privou e direcionou unicamente a relação em família, ao casal diga-se homem e mulher, seus papéis delimitados, enfatizados e defendidos pela doutrina cristã. Fala-se não, gritam-se direitos. Segundo os pesquisadores Júlio de Assis Simões e Regina Fancchini, para o movimento LGBT, apesar de tanto se falar de sexo no Brasil e pensar que este é um país de liberdade sexual, ainda existem intolerâncias que surgem no próprio discurso do outro:

Uma representação recorrente do país associa-o intensamente ao erotismo e à sensualidade. Abundam imagens, narrativas, novelas, reportagens, romances e etnografias a realçar que certa liberdade ou desregramento sexual está no coração da nossa nacionalidade. Grande parte desse material se dedica a demonstrar a farta disponibilidade e incidência de ambigüidades e excentricidades eróticas entre nós ao longo do tempo e do espaço, com

especial ênfase para as práticas homossexuais masculinas. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 24).

O século XIX foi mesmo o tempo de controle e germinação dos gêneros. A Era Vitoriana, por meio de seu controle Estatal, transferiu a sexualidade para o âmbito da residência, traçando-as entre as paredes e construindo um modelo de casal legítimo, que centrados no objetivo da procriação, fazia do quarto local de esconderijo do corpo e dos prazeres. (FOUCAULT, 1988, p. 9 - 10). Neste momento, os gêneros serão delimitados de acordo com seus papéis. Todos os traços, o cotidiano da mulher, e do homem, indicam como os vitorianos foram específicos em promover dicotomias e estabelecer papéis sociais de gênero.

A sexualidade e o gênero devem, portanto, ser analisados através do conceito de poder. Este poder não aquele exercido pelo Estado, ou um sistema de dominação de um grupo sobre outro. O poder se dará através do seu jogo de relações, através das lutas e enfrentamentos, (FOUCAULT, 1988, p. 102), pois sozinho, ele não é nada, dada a sua problemática de existência.

III – A THELEMA DE CROWLEY: APONTAMENTOS GERAIS E BREVE HISTÓRIA DE THELEMA NO BRASIL

Antes de adentrar e caminhar por entre os conceitos do *Livro da Lei*, torna-se necessário falar sobre o homem que desenvolveu Thelema. O mago inglês Aleister Crowley, nasceu em 12 de Outubro de 1875 e carrega em seu nome uma péssima reputação, entre elas satanista, libertino sodomita e viciado em drogas (DUQUETTE, 2007, p.13). Enfim, o pior homem da Inglaterra. Filho de uma família puritana de condições financeiras favoráveis, ao longo de sua vida, criticou o tradicionalismo do seu tempo, largando os estudos para se dedicar a magia, que para ele foi conceitualizada como instrumento da Vontade.

O seu livro mais conhecido chama-se *Liber Al Vel Legis*, o nome em latim para *Livro da Lei*. Segundo Crowley, esse livro foi recebido em 1904 quando estava em lua de mel com sua esposa no Egito. Este livro foi ditado ao mago por uma entidade preter-humana (entidade espiritual), que Crowley intitulou de mensageiro dos deuses do Novo Aeon (Nova Era) e ao

mesmo tempo seu anjo guardião. A data em que a obra teria sido ditada corresponderia ao advento de uma Nova Era e a criação de uma doutrina mística intitulada Thelema.

A filosofia da vontade origina alguns axiomas principais que regem toda a doutrina: “Todo homem e toda mulher é uma estrela” (*Livro da Lei*: Capítulo I, 3), “A palavra da Lei é Thelema” (*Livro da Lei*: Capítulo I, 39), “Faze tua Vontade há de ser o todo da Lei” (*Livro da Lei*: Capítulo I, 40), “Não tens direito além de fazer a tua Vontade” (*Livro da Lei*: Capítulo I, 42), “Amor é a Lei, Amor sob Vontade” (*Livro da Lei*: Capítulo I, 57). São eles que orientam primordialmente toda a teoria thelêmica. (CROWLEY, 1997, p. 94 – 113)

No mundo, as sociedades místicas mais conhecidas que levam os preceitos de Thelema em sua orientação religiosa são a Argentvm Astrvm (A.º.A.º.)⁶ e a Ordo Templi Orientis (O.T.O.)⁷, cada uma contendo características diferentes em torno de sua organização. A primeira foi fundada por Aleister Crowley em 1907, sendo também a primeira ordem a propagar a Lei de Thelema. Já a Ordo Templi Orientis, de caráter maçônico, foi fundada antes da publicação do *Livro da Lei*, mas, com a entrada de Crowley em 1912, adaptou as suas orientações, reorganizando-se a partir da natureza thelêmica.

O início de Thelema no Brasil está vinculado à figura de Marcelo Motta⁸. Ele foi o mesmo responsável pela vinda da Argentvm Astrvm para o país (já que aqui foi o primeiro iniciado) e também de uma ordem intitulada Sociedade Ordo Templi Orientis - S.O.T.O.⁹, além da ampla divulgação de Thelema nesse território, em meados de 1950. No entanto, a maior repercussão ocorreu na década de setenta do século passado, ganhando notório conhecimento através do cantor Raul Seixas. Os fãs do Maluco Beleza tiveram contato com

⁶ Argentvm Astrvm ou Estrela de Prata, denominada “Invisível e Verdadeira Ordem”, “Igreja Interna” ou “comunidade de luz”. Estes nomes se associam ao caráter imaterial da instituição já que ela não possui representação física, os membros são iniciados através de um instrutor. Não existem reuniões, pois a instituição física é inexistente. <http://www.astrumargentum.org.br/sobre> Acesso em: 21 de Agosto de 2012.

⁷ Ordem do Templo do Leste, ou ainda Ordem dos Templários Orientais.

⁸ Sua biografia pode ser encontrada em: Astrum Argentum: http://www.astrumargentum.org/arquivos/ht/bios_adjuvo.htm Acesso: 02 de outubro de 2012.

⁹ Existe uma polêmica que envolve essa ordem. Motta tentou estabelecer uma Loja da O.T.O. no Brasil. Tentou inclusive obter a posse da O.T.O.internacional com a morte da liderança. Após a perda de um processo em Maine, Estados Unidos, Marcelo Motta fundou a S.O.T.O. Informação pode ser conferida em: http://astrumargentum.org/arquivos/ht/bios_adjuvo.htm Acesso: 07 de outubro de 2012.

“Sociedade Alternativa” e “Novo Aeon”¹⁰, entre outras músicas dos cantores. Algumas de suas líricas foram compostas em parceria com o escritor Paulo Coelho, tendo como inspiração os textos de Aleister Crowley. Era o *boom* da contracultura (NAPOLITANO, 2006, p. 81 – 104) da sociedade alternativa¹¹ e da Era de Aquário, que inspiravam a juventude do período da ditadura.

Atualmente existem diversas organizações que difundem os ideais thelêmicos no Brasil¹²: a anteriormente citada A.’A.’., Collegium ad Lux et Nox, que organiza-se através de grupos de estudos em alguns estados brasileiros, o Círculo Iniciático de Hermes, presente no Sul e Sudeste, a Sociedade Novo Aeon, situada na cidade de São Paulo, a S.C.T. (Sagrado Círculo de Thelema), a S.O.T.O. – Sociedade Ordo Templi Orientis no Brasil (Uma dissidente da O.T.O), a Ordo Templi Orientis & E.G.C. – Ecclesia Gnostica Catholica, que mantém uma loja¹³ presente na cidade do Rio de Janeiro, bem como acampamentos em Minas Gerais¹⁴ e São Paulo.

A Nova Era, é chamada por Crowley, como a Era do deus egípcio Hórus (Era de Hórus). Segundo Aleister Crowley, este seria o momento onde o homem e a mulher se reconheceriam como potência e tomariam seu lugar no mundo encontrando uma possível divindade dentro de cada um.

¹⁰ Raul Seixas e Paulo Coelho compuseram “Sociedade Alternativa”, música do álbum Gita (1974) que citava alguns trechos do *Livro da Lei*. “Novo Aeon” foi composta por Raul Seixas, Cláudio Roberto (sabe-se apenas que era carioca, mas não há informações se o mesmo tinha ligação com Thelema) e Marcelo Motta. A música faz parte do álbum homônimo lançado em 1975. Outras músicas de referências a Thelema são: “Love is Magick” composta por Raul Seixas em 1976, presente em um compacto homônimo e “Nuit” composta por Raul e sua mulher Kika Seixas em 1989 no álbum “A Panela do diabo”.

¹¹ Paulo Coelho, em contato com Marcelo Motta, foi iniciado na A.’A.’.. Raul Seixas foi um participante sem vínculo com ordens. Ambos, sob a influência de Thelema e Aleister Crowley, fizeram algumas músicas que foram amplamente divulgadas.

¹² Lista obtida através de levantamento feito pelo portal de Thelema brasileiro. Disponível em: Espaço Novo Aeon. <http://www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/ensaios/organizacoes-que-difundem-o-pensamento-thelemico-no-brasil/#refmark-2>. Acesso: 17 de agosto de 2012.

¹³ A Ordo Templi Orientis possui um sistema de organização peculiar. A sua administração maior é feita por um triunvirato, situado na Austrália, Estados Unidos e Inglaterra. Podemos dizer que as três são as filiais da organização thelêmica no mundo. As denominações “acampamento”, “oásis” e “loja”, em ordem crescente, referem-se ao maior grau atribuído dentro de cada um desses corpos locais. Ou seja, as filiais, abrem novas organizações por todo o mundo. Quando esta organização é inaugurada, é chamada de acampamento. Os membros são iniciados e estão em menor grau da escala (devemos pensar em um sistema parecido ao maçônico). Quando os membros desta organização vão passando a graus mais elevados, não teremos mais um acampamento, mas sim um oásis. O topo desta escala seria uma loja. Na Loja, existe um membro, geralmente o mestre, onde seu grau atingiu escalas maiores que os membros de um oásis.

¹⁴ Denominam-se acampamento Opus Solis. <http://www.opussolis.com.br/> Acesso: 02 de outubro de 2012.

Dentre as diversas divindades de muitas culturas presentes no livro da Lei, Aleister Crowley utiliza três figuras egípcias representadas através de Nuit, a deusa da noite, Hadit, a Serpente Alada da Luz, e Hórus, o deus solar com cabeça de falcão e senhor do Cosmo. Nuit simboliza a união de toda a humanidade em nível espiritual, Hadit representa a individualidade, o sol interior e a fonte de toda luz e sabedoria e Hórus o ser humano íntegro, superado, divinizado. A finalidade do partícipe thelêmico é justamente reconhecer-se como Hórus.

Desta forma, o sistema filosófico thelêmico concentra uma amalgama de divindades de diversas culturas e crenças, sendo encaradas como personificações de forças cósmicas arquetípicas, ou seja, estas personificações não são vistas como divindades externas ao homem, mas sim como componentes do próprio espírito de cada homem e cada mulher. Esses deuses renovados e readaptados a filosofia da Nova Era Crowleana, são representantes da negação de qualquer adoração a deuses exteriores ao homem. Crowley no Livro da Lei afirmou: “Estes são tolos que os homens adoram; ambos seus Deuses & seus homens são tolos.” (CROWLEY, op. cit. p. 95)

A busca do homem e da mulher thelemita está em encontrar e conversar com uma entidade intitulada Sagrado Anjo Guardião, que a grosso modo seria o *self* do indivíduo, a busca por si mesmo. Nesta senda, o thelemita seria veículo para atender a Verdadeira Vontade. Segundo Crowley, esta seria a vontade do *self*, como já mencionada, munida de todo um caráter espiritual e místico.

A conversação com o *self* seria possível através de diversas técnicas resgatadas da cultura oriental: meditações, práticas de Yoga, Taoísmo, Tantra e de Magia sexual, entre outras.

“*Faz o que tu queres*” é uma das frases mais famosas do *Livro da Lei*. Através dela, o indivíduo deveria encontrar a Vontade de si, utilizando para isto, todos os recursos possíveis, até mesmo, o uso de drogas, se for este o meio.

A felicidade da cocaína não é passiva ou plácida como a dos animais, ela é autoconsciente. Ela diz ao homem o que ele é, e o que ele poderia ser; ela oferece-lhe a aparência da divindade, só para que ele possa saber que é como um verme. Ela desperta o descontentamento com tanta intensidade que nunca se deve dormir de novo. Ela cria fome. Dê a cocaína a um homem que

já é sábio, estudado para o mundo, moralmente forte, um homem de inteligência e autocontrole. Se ele realmente for mestre de si mesmo, ela não irá lhe fazer mal algum. Ele a reconhecerá como uma armadilha: ele terá o cuidado de repetir experiências como conforme puder fazê-lo, e o vislumbre de seu objetivo pode, eventualmente, até mesmo estimulá-lo à sua realização por esses meios que Deus designou para os Seus santos. (CROWLEY, 1918, p. 7)

Esse é um dos mais famosos axiomas de Thelema e imediatamente é possível deduzir que atrai uma gama de jovens, isso porque a frase declama a princípios de liberdade e atitudes livres de restrições, ou seja, um perfeito atestado para aqueles de espírito rebelde. Isso pode ser observado no rock já que algumas bandas possuem influência thelêmica. Ozzy Osbourne, Bruce Dickinson e Jimmy Page são músicos que, de alguma forma tiveram contato com os ensinamentos propagados por Crowley. A capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) dos Beatles estampava o rosto de Crowley em meio a tantas celebridades, justamente num momento em que o mundo vivia uma Beatlemania¹⁵. O próprio músico Raul Seixas, em parceria com Paulo Coelho, na conjuntura social e política dos anos 70, em seu álbum *Gita*, cita a supracitada frase em uma de suas músicas, de nome “Sociedade Alternativa”¹⁶.

Analisando a ética e moral thelêmicas, MIZANZUKI (2010, p. 125 - 129), a luz da chamada “sociologia sensível” de Maffesoli concluiu que, o conceito de Vontade, apresentase como um imperativo categórico na medida em que o “*Faze tua Vontade há de ser o todo da Lei*” denota a busca da Vontade do Eu interior, que é relativista para Crowley, já que todo homem teria o seu caminho, mas que denota ao mesmo tempo uma obrigação a ser seguida pelo partícipe da religião thelêmica. A frase foi associada a diversos movimentos jovens sem conhecimento do seu significado religioso.

Crowley recomendou que o Livro da Lei fosse interpretado individualmente, para que as palavras contidas não fossem impostas ao outro como verdade. Esta foi uma das diversas

¹⁵Algumas informações sobre o disco e uma possível contribuição para divulgação da imagem de Crowley, pode ser encontrada em: DUQUETTE, Lon Milo. **Introdução**. In: *A Magia de Aleister Crowley: Um manual dos rituais de Thelema*. Trad. Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007. P. 13 – 15.

¹⁶A Sociedade Alternativa de Raul era a construção de uma nova cultura, pautada no encontrar de si, na crítica ao sistema vigente. Ele queria algo novo: “Nego todas as culturas. Não tem nada mais nojento do que crer num pensamento. Acho todo mundo burro. (...) Confesso que estou seriamente engajado numa cruzada pela implantação da Sociedade Alternativa, uma revolução cultural em andamento!”. LUCENA, Mário. “Sociedade Alternativa”. In: **Raul Seixas**: Filosofias políticas e Lutas. São Paulo: Macbel, 2002. P. 81 – 82.

maneiras que o mago utilizou para distanciar os seus ensinamentos das configurações utilizadas, por exemplo, na igreja católica onde a hierarquia religiosa serve como agente de interpretação e divulgação dos ensinamentos.

Mediante diversas instituições e o caráter secreto em que estão fundadas, torna-se difícil precisar quantos são os partícipes de Thelema no Brasil. Além disto, nem todos fazem parte de alguma instituição thelemita, mantendo sua crença de maneira individual. A internet nos apresenta diversas comunidades de Thelema onde membros trocam informações, sobre leituras, compra de livros, eventos e produtos thelêmicos.

IV – A REVISTA ESTRELA RUBI

O objeto de pesquisa que presta esclarecimentos aos propósitos desse trabalho é a revista *Estrela Rubi*, uma produção da Loja Quetzalcoatl¹⁷, situada na cidade do Rio de Janeiro. Esta loja é filiada a Ordo Templi Orientis internacional, uma organização místico-religiosa, sem fins lucrativos, que se estabelece através de Corpos Locais (Lojas, Oásis e Acampamentos)¹⁸ e tem como orientação o sistema maçônico. Desta forma, ela possui caráter secreto, já que mantém a privacidade dos membros e de alguns dos seus rituais, mas, ao mesmo tempo, propõe-se a divulgar uma parcela do seu trabalho em âmbito social.

Foram lançadas até o momento treze exemplares, desde o ano 2010, sendo sua publicação trimestral e em formato PDF (Portable Document Format). Por se tratar de uma revista em formato eletrônico é difícil calcular sua distribuição e o seu alcance, no entanto, segundo dados divulgados pela loja na sessão de notícias da revista, diz que, após um ano de publicação foram efetuados cerca de quatro mil downloads das edições.¹⁹

A revista *Estrela Rubi* insere-se em uma nova configuração de utilização das mídias, pois ela surge na internet e lá ocorre a sua divulgação. Na internet, ensinamentos e discursos

¹⁷ Esta Loja de orientação thelêmica é corpo local mais antigo da Ordo Templi Orientis em atuação no Brasil – é justamente a maior responsável pelas discussões de caráter social em comparação com os outros corpos autorizados. Fundada em 23 de maio de 2000 na cidade do Rio de Janeiro, a loja está em atividade, com eventos abertos e fechados: missas, palestras para o público, palestra para membros, entre outros eventos.

¹⁸ Para explicação sobre as denominações, voltar a nota número 13.

¹⁹ “Notícias”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 3.

sociais formam uma mescla de mundo contemporâneo e mundo religioso. Isso nos faz perceber que as crenças religiosas *re-significaram* a própria internet, transformando-a em local de divulgação de culto, propagação, socialização e ensinamentos.²⁰

De modo geral, as revistas pesquisadas apresentam padronização peculiar, contendo as seguintes divisões: editorial, notícias, artigos, matéria de capa, estudos²¹, uma seção para bibliografia thelêmica com livros sagrados, além de uma pequena nota informativa sobre a Ordo Templi Orientis e a Loja Quetzalcoatl. A segunda edição de 2011 já exhibe uma seção denominada Hooráculo²², onde é selecionada uma questão enviada por leitores para que possa ser respondida na revista. Como a grande parte das revistas, esta também abre um espaço para os leitores que desejam entrar em contato com a administração, possam dar sugestões, tirar dúvidas ou dar opiniões.

Um ano antes da publicação da revista, segundo informação no site, a Loja Quetzalcoatl era o único Corpo Local da O.T.O.²³ em funcionamento no país. Denominam-se como:

uma comunidade de homens e mulheres livres que se dedicam ao processo do autoconhecimento e sua conseqüente expansão de consciência através dos princípios de Vida, Luz, Amor e Liberdade, pilares essenciais da Lei de Thelema.²⁴

²⁰Realizei uma pesquisa mais ampla sobre a Revista Estrela Rubi analisando o seu discurso social. SANTANA, Carla Tatiane Carvalho. **Estrela Rubi**: Expressão de Thelema no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

²¹Em todas as edições pesquisadas, essa seção vem descrita com o seguinte dizer: “A Loja Quetzalcoatl oferece mensalmente a seus membros uma série de instruções em diversos temas relacionados a Thelema, a fim de ajudá-los a entender e melhor aplicar a sua filosofia.” Thelema é muitas vezes de difícil entendimento justamente por essas mesclas de culturas, filosofias e religiosidades diversas. De maneira geral, a filosofia thelêmica parte do princípio da experimentação para o alcance do *self* (com denominação thelêmica de Sagrado Anjo Guardião), sendo assim, tudo que sirva para o homem e a mulher atingir a sua plena iluminação, será utilizado. Todas as revistas trazem uma nota onde consta: “Realizamos também o estudo teórico e prático da Filosofia de Thelema, Magia, Alquimia, Cabala, Tarot, Tantra, e demais ciências herméticas que possam colaborar com o caminho de auto-iluminação dos nossos iniciados.”

²²A palavra deriva de divindades presentes no livro da lei: Ra-Hoor-Khuit e Hoor-Paar-Kraat. Ambas, segundo a tradição thelêmica, tratam de duas formas do deus Hórus, sendo a primeira, o seu aspecto mais rígido, militar, e a segunda, a criança em busca de novas possibilidades. Informações elaboradas por Frater Thor (Euclides Lacerda) em: Astrum Argentum: http://www.astrumargentum.org/arquivos/ht/ensaios/thor_8.htm Acesso: 06 de outubro de 2012.

²³ Disponível em: <http://www.quetzalcoatl-oto.org/site/?p=79> Acesso: 14 de Julho de 2012.

²⁴ Informação constante em todas as revistas, sempre na penúltima página, na seção “Saiba mais sobre A Loja Quetzalcoatl”.

Divulga além de textos thelêmicos, artigos de opinião sobre temas variados. O site da Loja Quetzalcoatl anuncia a primeira edição com os seguintes dizeres:

A Revista servirá como ponte entre os leitores e os trabalhos produzidos por nós: artigos de opinião sobre Magick, Thelema, o Novo Aeon e o mundo contemporâneo; crônicas e contos de nossos Irmãos e Irmãs; entrevistas com membros da O.T.O. sobre temas variados; debates e resumos das instruções dadas pelos membros da Loja, além de libri (livros) de Thelema. Enfim, qualquer produção intelectual e artística nossa que possa interessar o leitor e estudante.²⁵

Desta forma é visto que, a Estrela Rubi, ao longo dos seus artigos, versa sobre temas do mundo atual associando a eles, a visão e orientação thelêmica dos seus escritores e suas cargas de leitura, entendimento de Thelema e experiências pessoais.

No sistema thelêmico, apresentando nomenclatura invertida, o Rubi Estrela é o nome de um dos rituais de Thelema. Está inserido nos livros dispostos como Classe D²⁶, ou seja, livros que consistem nos rituais e instruções oficiais da Thelema. Os rituais constituem a chave do entendimento da filosofia thelêmica. O próprio Crowley cunhou o termo Magick para diferenciar a magia thelêmica daquela convencional e declarou que “Magick é a Ciência e a Arte de causar mudanças de acordo com a Vontade”²⁷. É através destes rituais thelêmicos que o homem caminha ao encontro do *self*, dito a busca do seu eu interior.

De acordo com informação da *Astrum Argentum*²⁸, no livro 777 (livro produzido a fim de sistematizar alguns dados provenientes do misticismo e de proporcionar um comparativo entre as religiões) a pedra Rubi Estrela é mostrada como representativa da energia masculina como criadora.

²⁵ Disponível em: <http://www.quetzalcoatl-oto.org/site/?p=143> Acesso: 27 de setembro de 2012.

²⁶ Os livros de Thelema são separados por classe. Essa divisão por classes foi estabelecida pela *Astrum Argentum* em 1907. A classe A corresponde às intituladas escrituras sagradas, que são, em outras palavras, a essência da filosofia thelêmica, sendo resultado de conexões com entidades preter-humanas. Os de classe B são livros ou ensaios resultados de produções comuns. Os de Classe C são matérias sugestivas para os praticantes. Ver (CROWLEY, 1997, p. 12).

²⁷ Crowley utilizou esse termo para denominar o sistema thelemita. Conceitualizou-o na introdução de seu livro *Magick in Theory and Practice*: “Magick is the Science and Art of causing Change to occur in conformity with Will”. <http://hermetic.com/crowley/book-4/defs.html> Acesso: 11 de setembro de 2012.

²⁸ Disponível em: http://www.astrumargentum.org/arquivos/ht/libri/libri_25.htm Acesso: 01 de outubro de 2012.

Na revista observamos a discussão de vários temas, entre eles, a questão do gênero e da sexualidade, foco desta pesquisa. De maneira simbólica, nas palavras da representante superior do Brasil, a Soror Babalon, o surgimento da Revista *Estrela Rubi* foi como:

(...) um fruto maduro originado em verdejantes colheitas, optamos pelo devorar do fruto proibido. Ousamos alcançar sabedoria e abandonar a tenra ignorância que nos mantinha protegidos em nossa própria inocência.²⁹

O objetivo magno da revista está descrito em todas as edições e o conteúdo debatido e comentado, segue a proposta da Loja:

Temos como um de nossos principais objetivos auxiliar no desenvolvimento de uma sociedade verdadeiramente livre da superstição, tirania e opressão, onde o ser humano possa expressar a sua Verdadeira Vontade em plena harmonia com a essência divina que nele habita.³⁰

A primeira pergunta que podemos fazer diante destas produções é quem está por trás dos seus textos. Quem são os agentes da revista? Quem divulga ali seus pensamentos? Existe participação popular e de outros membros? É importante identificar os seus autores a fim de entender os valores presentes nos escritos. Verifica-se que de maneira quase que constante que os escritores da *Estrela Rubi* são os membros do corpo administrativo da Loja carioca: Soror Babalon (mais tarde, chama-se Soror Tara Shambhala), figura responsável por todos os corpos brasileiros da Ordo Templi Orientis; Frater Yvy Maraey (também divulga-se como Frater Eros), que nas edições publicadas em 2010 e 2011 era informado como jornalista mas, a partir da primeira edição de 2012, já se apresenta como secretário da loja carioca; Frater Apollôn Lycaeus (também, divulga-se nas edições como Apollôn Hekatos), mestre da Loja Quetzalcoatl a partir de 2012; Fra. Leon 777 (também Frater Kin Fo), advogado, tesoureiro, entre outros, também alguns convidados membros (bastante selecionados) da Ordo Templi Orientis nacional e internacional.

²⁹Soror Babalon. “Editorial”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 01, Num 0, Ed nº 0, 21 de Junho de 2010. P. 3.

³⁰ Informação constante em todas as revistas, sempre na penúltima página, na seção “Saiba mais sobre A Loja Quetzalcoatl”.

No editorial da revista é informado aos leitores que, as informações contidas são de responsabilidades de seus autores e não são necessariamente compartilhadas pela O.T.O, seus corpos oficiais de fora do Brasil ou os demais membros da Ordem³¹.

V –GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESTRELA RUBI

Os textos contidos na revista que tratam sobre a sexualidade e as questões de gênero, recebem em sua composição, orientação dos preceitos de Thelema produzindo discursos que delimitam conceitos e os legitimam através da palavra escrita. Como visto anteriormente, não se trata de temas comuns, mas de aspectos nevrálgicos na doutrina de Crowley: a sexualidade é instrumento do divino e por isto ela é enfatizada gerando também interpretações para as questões de gênero.

Em uma edição dedicada exclusivamente a falar sobre a sexualidade, o editorial menciona que o mundo atual está “cada vez mais obcecado com rótulos, onde nada pode existir fora de um conceito de estrita dualidade e onde o indivíduo não existe além dos módulos pré-aceitos pela grande massa da estrutura social”³². Existe aqui a necessidade de produzir uma crítica contra a típica dualidade defendida pelo sistema tradicional, que no editorial não é bem aceita. É dito que no mundo contemporâneo estão presentes alguns modelos ao qual o indivíduo inserido na sociedade precisa se sujeitar. Esta dualidade é bem melhor explicitada quando continua afirmando:

O Sexo continua a ser o centro da sociedade humana seja ele demonizado ou sacralizado e como tal nossa Sexualidade talvez seja aquele aspecto de nossa existência onde desde muito cedo nos é colocado um ‘numero de série’ que nos identifica para todos os outros como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, monogâmicos, poligâmicos, poliamorosos, homem, mulher, transexual, ou seja lá que novo nome se encontre para satisfazer esta neurótica obsessão por controle.³³

³¹ Esta informação está presente na segunda página de todas as revistas consultadas.

³²Frater Apollôn Hekatos. “Editorial”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 03, Num 3, Ed nº 10, 21 de Dezembro de 2012. P. 3.

³³Id. Ibid.

As dualidades produzidas pelos discursos tradicionais servem como instrumento de controle do indivíduo, através de denominações que limitam as escolhas, confina o ser: “Somos muito mais que meros rótulos, estamos muito além dessavisão diminuta que procura nos castrar continuamente de nossa divindade.”³⁴

Muito mais do que reprimir o indivíduo, os discursos, afastariam-no de sua ligação com o divino. O *religare* para Thelema é sinônimo de Amor, um amor que unifica o indivíduo com o seu divino e é o Sexo um meio para se chegar a este último.

Amor é União, e Sexo é o mais alto Sacramento quando o entendimento do mesmo é elevado ao nível de Neshama. A capacidade de unir o sujeito com o objeto é apenas uma parcela das incontáveis possibilidades de experiências relativas ao Amor. ‘Amor é a lei, amor sob vontade.’³⁵

O problema estaria focado apenas na repressão contra o indivíduo? Em outro artigo, Frater Kin-Fo, discute a acentuada presença do sexo e da sexualidade no mundo atual. Mais do que outrora, existe grande liberdade para falar sobre estes temas, mas para ele, falta uma consciência quanto à própria sexualidade³⁶.

A problemática torna-se maior quando traça uma relação entre o indivíduo, a sexualidade e a religião. Para o autor, as críticas se justificam mediante “a proibição do uso de métodos contraceptivos, condenação de relacionamentos homossexuais, a obrigatoriedade do matrimônio em um modelo ultrapassado e o machismo e subordinação da mulher dentro do relacionamento.”³⁷

Neste caso, o controle do indivíduo está estritamente relacionado com os preceitos estabelecidos pelas religiões monoteístas. No entanto, para Frater Kin-Fo, na relação sexo-religião não existe necessariamente a rivalidade, pois, “correntes de pensamento e estruturas

³⁴Id. Ibid.

³⁵Id. Ibid.

³⁶Frater Kin-Fo. Sexo e sexualidade no Novo Aeon: Um breve estudo sobre mudanças e heranças presentes em Thelema e nas práticas thelêmicas de pensar e exercer o sexo e a sexualidade. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 03, Num 3, Ed nº 10, 21 de Dezembro de 2012. P. 5.

³⁷ Id. Ibid.

religiosas orientais dizem exatamente o contrário, que sexo é religião.”³⁸, fala-se aqui do taoísmo e o tantrismo e cita para o caso de Thelema:

Thelema é um sistema filosófico, místico e cultural baseado em uma premissa aparentemente simples: que cada pessoa é uma projeção divina do Todo Universal e, como tal, tem dentro de si uma verdadeira vontade, que é a expressão do mais profundo íntimo. Esses atos quando genuínos estão em perfeita harmonia com toda a Natureza, e assim se faz necessário trabalhar para apreender e manifestar essa vontade, sendo capaz de viver uma vida de maior harmonia, satisfação e alegria. De muitas maneiras, Thelema é uma união perfeita de modos oriental e ocidental de pensamento. É Oriental na medida em que propõe uma forma harmoniosa de ser que flui de acordo com a natureza, muito próxima à idéia do Tao ou Wei Wu. É ocidental em que celebra o individualismo e promove a plena expressão do eu único (...) Thelema reconhece que a natureza fundamental do Universo é criativa, o que se reflete e incorpora no ato do sexo. Como tal, a relação sexual consensual é considerado um sacramento, e podem mesmo ser usados para fins de devoção pessoal ou ritos de transformação. Por extensão, a liberdade absoluta para todos os adultos que consentem a praticar sexo como Vontade é um elemento cultural importante dentro de Thelema. (ASH BOWIE, Apud, KIN-FO, 2012, p. 6)

A busca pela Verdadeira Vontade que é a vontade do *self* (a busca de si mesmo) thelêmica, passa pelo ato sexual como ritual divino para o *religare*. É através do sexo que o homem transporia como num ritual, o caminho para encontrar o seu eu divino. Esta sexualidade para este fim é, portanto divina e deve ser exercida de maneira livre o que se contrasta por exemplo, com os dogmas do cristianismo. Nitidamente é possível identificar uma proximidade com as experiências religiosas orientais e uma contestação essencialmente voltada à ideologia das religiões monoteístas. Ao mesmo tempo, os ensinamentos do Oriente, são direcionados para um suposto individualismo típico do Ocidente. O fato é que, a religiosidade oriental é importante para a ideologia thelêmica e esta proximidade se destina a necessidade de entender o sexo como movimento divino:

Sexo pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento físico e espiritual. Thelema encara essa afirmação como herdeira de tradições antigas como o Taoísmo e o Tantrismo e, tal como estas, encara a questão do sexo como algo a ser tratado individualmente com liberdade e respeito. Todo aquele que ingressa na O.T.O. recebe a seguinte advertência: ‘Como expresso no Liber CI, a Ordem existe em parte para promover relações livres e alegres entre os

³⁸ Id. Ibid.

seus membros. No entanto, a conduta sexual que não seja totalmente consentida entre adultos é contrária à liberdade e não é tolerada na OTO³⁹

Diante disto a sexualidade, deve estar direcionada ao *religare* e o final deste processo, levaria o partícipe a encontro com a Verdadeira Vontade do Sagrado Anjo Guardião (encontro com o “eu interior”). Ou seja, todo homem e toda mulher precisa direcionar a sua sexualidade para o divino e neste sentido, a sexualidade precisa se apresentar com as formas diversas da liberdade: “tomai vossa fartura e vontade de amor como quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes” (CROWLEY, 1997, p. 200)

O thelemita tem o direito de escolher por si a melhor maneira de exercer seu sexo e sexualidade. O antigo Aeon criou rótulos que hoje causam problemas em nossa sociedade: heterossexual, homossexual, bissexual, assexual, monogâmico, polígamo, celibatário. Thelema e o Novo Aeon apostam na superação dos nomes, enxergando não uma etiqueta, mas um ser humano que exerce sua sexualidade de acordo com aquilo que sua jornada pela verdadeira vontade demandar, visto que “(...) não tendes direito algum senão fazer a vossa vontade (AI I:42)”.⁴⁰

Os rótulos criados pelos discursos sociais, religiosos e científicos, que classificaram os gêneros, dando a eles nomenclaturas, são contestados pelo Frater Kin-Fo que vê a doutrina thelêmica como superação dos rótulos. A sexualidade apresenta-se como sinônimo de liberdade para a busca do eu interior. Todo o caminho está voltado para o conhecer-se, ou seja, libertar-se das barreiras advindas destes discursos impostos pela sociedade.

Existe em Thelema toda uma simbologia que justifica as denominações, os rituais e a união do homem com o seu sagrado. Eros, por exemplo, é citado na revista como deus do amor e busca da própria sexualidade. Nas relações humanas comuns, seria ele o responsável por acender a sexualidade e abrir canal para concepção sexual. Afirma Soror Vajra Padma:

Num rito de sacralização sexual o homem se identifica com o princípio do absoluto masculino, enquanto a mulher se identifica com o princípio do absoluto feminino, sua união reproduz a do casal divino. Os princípios que na manifestação dual se apresentam como divididos irão ser reintegrados no momento do orgasmo, permitindo a experiência da unidade primordial, o

³⁹ Frater Kin-Fo. **Sexo e sexualidade no Novo Aeon**: Um breve estudo sobre mudanças e heranças presentes em Thelema e nas práticas thelêmicas de pensar e exercer o sexo e a sexualidade. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 03, Num 3, Ed n° 10, 21 de Dezembro de 2012. P. 7.

⁴⁰ Id. Ibid.

andrógino, símbolo do homem perfeito. A união pelo êxtase suspende a lei da dualidade e no arrebatamento orgasmático que une os dois seres se provoca o estado de identidade una que proporciona a iluminação absoluta, a manifestação do Incondicionado que está muito além da ilusão da dualidade, livre de qualquer submissão a ela.⁴¹

A sexualidade está vinculada ao sagrado na medida em que o ato sexual torna-se o meio para atingi-lo. Os pólos, masculino e feminino, são puros instrumentos do ritual que busca ao final uma ligação mais estreita com o inefável. A dissolução dos dois e a construção do uno, que é em si divino, deve ser alcançado nesta cerimônia: “A divindade primordial é essencialmente bissexual, no divino os contrários coexistem e esta coexistência é expressa como volúpia.”⁴² A volúpia, o prazer sensitivo que surge nesta relação, também é visto como força de caráter divinal, na medida em que contribui com o processo de retorno ao tempo sagrado:

A volúpia é a realidade divina e suprema que, tendo gerado o mundo, o fez à sua imagem e semelhança. A realidade do mundo, portanto, não é outra senão a volúpia, a centelha produzida pela união dos opostos e o desejo secreto em nossas almas que nos leva a buscar o retorno à unidade primordial.⁴³

A volúpia, imbuída de sexualidade é instrumento da cerimônia para o *eterno retorno*, onde o indivíduo, alcançaria neste ritual sexual, a sua origem sobre-humana. Contudo, se o sexo e a sexualidade são importantes para a aproximação do ser com o divino, somente a relação entre pares atingiria este clímax? De acordo com a sóror, existem outras maneiras de obter esta conexão, mesmo sem a presença de um homem e uma mulher e o ato sexual:

A força de Eros, porém, não se limita à manifestação do amor humano. Inúmeros são os casos de místicos e santos que sentiram a força de Eros como uma chama ardente que os consumia enquanto humanos e os transmutava alquimicamente no contato com os planos superiores, produzindo uma suttilização de seus componentes físicos e uma espécie de “corporização” de sua alma, fazendo-os alcançar verdadeiros estados divinos no enlevo do êxtase erótico sem nisto estar implícita a projeção de suas essências individuais sobre um objeto de desejo detectável pelos sentidos de percepção comum. Nestas pessoas, o Eros se direciona para o alto e elas

⁴¹ Soror Vajra Padma. Libido: Um breve ensaio metafísico. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 03, Num 3, Ed nº 10, 21 de Dezembro de 2012. P. 16

⁴²Id. Ibid.

⁴³Id. Ibid.

experimentam uma tensão erótica contínua, um gozo interno que misturado ao fluxo de dor apropriado abre as suas mentes para planos de consciência mais profundos onde o amor universal e a compaixão se tornam a tônica de suas existências. Elas experimentam a sexualidade metafísica, da qual o sexo genital é apenas um mui pálido reflexo.⁴⁴

Eros apresenta-se também como divindade *arquetípica* responsável pela manifestação da sexualidade a nível divino, não necessariamente com o ato sexual consumado, através do coito, mas sentidos de caráter sexuais através de rituais divinos que levariam o partícipe ao êxtase, sem necessitar de qualquer tipo de estimulação tátil, somente através do emprego de técnicas de meditação.

Em uma das questões da seção Hooráculo, um leitor questiona sobre a Magia Sexual ao qual é respondido: “(...) não é um termo que se limite ao ato sexual em si. Existem não só várias fórmulas de Magia sexual que incluem o ato sexual entre parceiros ou solitário, como também muitas práticas que não incluem estimulação genital de qualquer tipo.”⁴⁵ A Magia Sexual é um dos meios significativos para se encontrar o *self*, que em Thelema, é chamado de Sagrado Anjo Guardião.

Contrariando as morais, a filosofia thelêmica não apóia postulados que rejeitem o corpo, muito pelo contrário, como visto, são presentes técnicas de Magia sexual para atingir o *self*. Para isto, Crowley mesclou conhecimentos do tantra e da ioga. A magia sexual é originária do extremo oriente e que os seus ideais e práticas são muito mais idealistas e espiritualmente inspiradores do que as formas de relações sexuais comuns. Afirma ainda que muitos acusam a magia sexual de perversão, mas que na verdade a sua finalidade é designada para conversação e conhecimento do Sagrado Anjo Guardião. Segundo o autor é preciso força emocional e também uma grande imaginação para realizar esse tipo de magia (CULLING (1971, p. 1 – 15)

Existe um conceito de sexualidade proposto na revista que diverge dos científicos e das morais tradicionais, possuindo uma carga de valores diretamente ligados aos de cunho místico-espirituais:

⁴⁴ Id. Ibid.

⁴⁵ Não assinado. **Hooráculo**. Por que há tantas referências a Magia Sexual nas obras de Crowley? Ela é essencial para Thelema? **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 03, Num 3, Ed nº 10, 21 de Dezembro de 2012. P. 24.

O ponto chave aqui está no conceito que se tem sobre a sexualidade. Um conceito que se tornou limitado a fatores biológicos e fisiológicos a partir do advento do Iluminismo. Precisamos superar o Iluminismo e aprender a unir os mundos conscientes e racionais com aqueles que consideramos inconscientes e irracionais. É na união destes opostos que se encontra a nossa integralidade, a única que pode nos oferecer uma visão fidedigna das nossas Verdadeiras Essências, a pedra fundamental de nossa existência, a cura real de nossas angústias, o remédio universal que devolverá a nós e ao mundo o equilíbrio almejado, o paraíso perdido com que tanto sonhamos. A sexualidade é uma manifestação da energia vital e, como tal, expressa-se através de múltiplas formas no decorrer da nossa vida, não há sequer um aspecto da nossa natureza e da sua manifestação em que não esteja incluído um aspecto da nossa energia sexual. Sendo assim, enquanto comemos, dormimos, nos relacionamos, pensamos, trabalhamos, fazemos escolhas, brincamos, nada mais estamos fazendo do que expressando a nossa sexualidade refletida em nossa individualidade. Uma energia vital e absoluta, passando pelo filtro pontual e único formado por influência de uma constelação que se estrutura e cria condicionamentos com a finalidade de manifestar algo que reconhecemos como um indivíduo, uma forma aparentemente isolada do Todo. (...) Sendo a sexualidade a semente da criação ela se reflete em absolutamente tudo aquilo que reconhecemos como realidade e é através da observação e experimentação detalhada e isenta desta realidade interna e externa que chegamos não só ao reconhecimento das múltiplas faces de Deus, como alcançamos também a união com Ele, tornando-nos partícipes da Volúpia Divina.⁴⁶

Segundo o artigo, o iluminismo é responsável pelo advento da razão, tomando lugares do espiritual e das manifestações de caráter supra-humanos. A proposta para superar este dilema seria a união do racional com o irracional, a fim de suplantar o racionalismo exacerbado. Diante disso e com esta mentalidade, a sexualidade é contemplada como algo natural e vital, de caráter místico, presente em toda e qualquer atividade do ser humano. Seria ela, a maneira de encontrar-se com Deus e buscar a própria compreensão. Devemos lembrar que todas as técnicas utilizadas em Thelema buscam ao final, um profundo conhecimento de si mesmo.

Na essência real e que verdadeiramente lhe é própria a Magia Sexual é um processo de auto-conhecimento poderosíssimo e o único que pode levar o homem à transcendência. Sendo Thelema uma filosofia e método que procuram elevar o ser humano à sua condição divina, sim, a Magia Sexual é essencial não só para Thelema como para o próprio mundo.⁴⁷

⁴⁶Id. Ibid.

⁴⁷Id. Ibid.

Mas quais as discussões de gênero são propostas pela revista? O material expõe grandes discussões no que diz respeito às questões de gênero e mais uma vez o caráter simbólico é utilizado para atribuir significados. A revista promove, em uma de suas matérias, uma análise do significado do bastão e da taça⁴⁸. De maneira simplificada, o bastão representa a força masculina (projeção) e a taça a força feminina (recepção), o que é associado ao órgão sexual masculino e feminino respectivamente. Porém, essa análise por si só torna-se reduziva do significado desses aparatos na magick thelêmica, pois:

A mulher possui phallus – isto é, poder criador direcionado – do mesmo modo que o homem possui vesica, ou poder receptivo e gerador. Reduzir essas armas mágicas a símbolos da genitália tem sido um equívoco de quem entende Magia Sexual como restrita ao mero ato sexual.⁴⁹

A sexualidade thelêmica, constrói um discurso de gênero através de uma perspectiva mística, repleta de significados. Os órgãos sexuais que delimitam os gêneros recebem novos significados e significantes. Atribuindo a vagina o poder de projeção e ao pênis o instrumento de recepção, o trecho desconstrói as concepções hegemônicas. É como se os instrumentos utilizados na magia thelêmicas fossem receptores de significados, instrumentos não só físicos, mas imateriais de contestação dos demais discursos.

O debate e a crítica thelêmica aos costumes vão além das palavras. As mulheres thelemitas são o foco de uma das edições do segundo ano da revista e, em sua capa, uma mulher paramentada com uma vestimenta destinada à prática de ritual, estampa o seu seio esquerdo desnudo na capa da revista⁵⁰. São as mulheres do Novo Aeon⁵¹, que possuem uma orientação que reflete os ideais thelêmicos:

No passado, mãe, depois a esposa e no presente Eu, amante de mim mesma, filha bailarina, devastadora pesquisadora de um potencial único onde átomos

⁴⁸ **Revista Estrela Rubi**. “O Bastão e a Taça: Uma análise dessas armas mágicas além da mera exposição e de seu simbolismo”. Ano 2, Num 2, 2011, P. 15 – 16.

⁴⁹ Id., Ibid., p. 15.

⁵⁰ Ver anexo na página 37.

⁵¹ Aeon (eras ou éons) são grandes períodos espirituais caracterizados por fórmulas mágicas. Crowley caracterizava essas eras em três deuses egípcios: Ísis, Osíris e Hórus.

escarlates pululam gerando aspectos mil, da cor do sangue, meu amor, da cor do sangue.⁵²

A mulher possui um papel destacado na religiosidade thelêmica. Ela É Nuit, o arquétipo da deusa. É de extrema importância para Thelema ressaltar a singularidade. Essa visão é centro de uma das assertivas onde diz que “Cada homem e cada mulher é uma estrela” (*Livro da Lei*, I:3) e, assim, cada um possui o seu lugar no mundo.

Frater Yvy Maraey discute sobre a mulher, o homem e a liberdade, além de como a contemporaneidade tem construído a identidade destes gêneros⁵³. Para isso, o Frater recapitula a luta pela liberdade desde o movimento contracultural – que considera composto de um idealizar romântico – até o pensamento contemporâneo acerca do papel da mulher na sociedade. Existe uma preocupação em mostrar o pensamento machista como ultrapassado e alertar acerca das manifestações diversas deste chauvinismo masculino:

Em 2011, vivemos um momento interessante: o lado mais caricato desse patriarcado já se tornou embaraçoso e mudanças estão em curso, mas o ranço machista do passado ainda está presente, muitas vezes dissimulado como humor, cinismo, conservadorismo por preguiça de reflexão ou violência velada – isto quando a violência não chega às vias de fato.⁵⁴

A preocupação com o machismo já tinha sido exposta em um livro por outro membro da Ordo Templi Orientes. Paulo de Loyola escreveu acerca da incongruência de ser um thelemita machista, estando essa ideologia em contraste com os próprios ideais de liberdade thelêmicos. O thelemita não pode permitir que este pensamento comum da sociedade influencie qualquer que seja as suas atitudes. Acredita LOYOLA que o machismo é uma ideologia incutida na mentalidade da sociedade brasileira, tornando-se um bloqueio ao crescimento de Thelema no Brasil:

Como falar que mulheres são deusas e devem ser tratadas de maneira condizente em meio a tal pensamento? Como falar em liberdade sexual?

⁵²Soror Babalon. “Editorial”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro: Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 3.

⁵³As ilustrações do artigo não possuem legenda, mas a primeira imagem trata-se de uma mulher nua enrolada em uma serpente, enquanto a outra é uma escultura da deusa hindu da morte e da sexualidade, Kali.

⁵⁴Frater Yvy Maraey. “A Mulher, o Homem e a Liberdade: Como os tempos atuais têm feito ambos os gêneros reconstruírem sua identidade”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro. Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 4.

Como falar que uma mulher pode ter tantos parceiros quanto deseje em um país onde ela, automaticamente, seria tachada de ‘galinha’, ‘piranha’ e outras associações semelhantes, zoológicas ou não? Só que Thelema fala disso tudo! Thelema não prega que a mulher não tem alma, ou que a tem em algum grau fracionário, não afirma ou sugere que a mulher seja inferior, submissa ou presa à autoridade masculina, não vê a mulher como propriedade do pai ou marido ou qualquer outra coisa do tipo. (LOYOLA, 2010, p. 23 – 24)

No artigo da *Estrela Rubi*, o Frater Yvy Maraey afirma que o mundo passa por um período onde amplia-se a noção de gênero. Os papéis sociais dantes delimitados agora se tornam ultrapassados.

Isso nos leva à percepção de que o homem vive uma crise de identidade, alavancado pela reconstrução do papel da mulher. Ambos os gêneros estão ampliando o significado que é masculino e feminino: já outras pessoas reagem à mudança, entendendo-a como subversão do mundo que conheciam e do homem e mulher que eles conheciam.⁵⁵

Afirma ainda que “Negar que as circunstâncias exigem mudança é achar que o mundo está parado. Ou que, se as mudanças são lentas, não há por que se importar com elas ou se situar como agente histórico transformador. Mais uma vez, uma cômoda e falsa isenção.”⁵⁶

Segundo o Frater, ocorre que o senso comum costuma associar o homem sensível a menos masculino ou até homossexual, já que a sociedade possui discursos que definem e limita as características dessa masculinidade. O mesmo ocorre com a mulher que, se possui uma postura contestadora e ativa na sociedade, é logo associada a menos feminina. Assim, para Yvy Maraey, estas mentalidades acabam por reduzir os hábitos de homens e mulheres que, mediante isso, deveriam estar de acordo com as qualidades “inatas” de cada um.

O preconceito sobre o que é “adequado” a cada gênero está presente em homens e mulheres que não percebem o quanto limitam a si mesmos ao definir até onde – e como – podem ir, baseados não em gosto particular ou experimentação, mas em tabus prévios, frutos de uma visão de mundo dominadora, de consumo utilitarista.⁵⁷

Destarte, haveria uma dissolução conceitual do que se tem como masculino e feminino. As palavras poderiam ser designadas como descrições, não mais como conceitos inalteráveis,

⁵⁵Frater Yvy Maraey. “A Mulher, o Homem e a Liberdade: Como os tempos atuais têm feito ambos os gêneros reconstruírem sua identidade”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro. Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 4.

⁵⁶ Id., Ibid.

⁵⁷ Id., Ibid., p. 5.

já que, “do contrário, os gêneros serão um cárcere”⁵⁸. E assim, sem teorias, a humanidade poderia atingir um patamar de respeito bem maior:

Quando se está tranquilo a respeito do que se é, gêneros só importam como descrições, e não definições, não existindo a insegurança e obsessão que nos compele a querer legislar sobre a vida ou os modos alheios. Logo, a liberdade pessoal é confirmada pela liberdade dos outros. O inimigo passa a ser aquilo que inibe, impede ou constrange as pessoas de encontrarem suas próprias fórmulas e caminhos.⁵⁹

Essa conclusão do Frater Yvy Maraey relaciona-se com os próprios princípios thelêmicos. Crowley dividiu cada éon (era) como deuses egípcios – Ísis, Osíris e Hórus – sendo o último caracterizado pelo nível de entendimento de cada homem sobre ele mesmo. De maneira sintetizada⁶⁰, enquanto no éon de Ísis o foco era a vida apenas a partir da mulher, e no éon de Osíris o patriarcado domina as relações sociais e ideológicas, no éon de Hórus é a inauguração da consciência de cada um, não mais de um masculino ou feminino. Essa seria a fórmula mágica da Nova Era, a transcendência desta definição de feminino e masculino, como destaca Yvy Maraey: “Horus, que rege o presente Aeon, é andrógino. Ele superou a ideia de que existe cisão entre os opostos. Ele superou a ideia de que existe um conflito. No Novo Aeon, reconhecemos a dualidade harmoniosa dentro de todos nós.”⁶¹

A androgenia é anterior a Thelema, mas é um conceito utilizado por eles para suplantar o que acreditam como poder regulador. É utilizando um discurso baseado na noção de androgenia que justifica os objetivos religiosos, pois, o gênero masculino e feminino, fruto dos discursos hegemônicos criados ao longo dos séculos, limitam e entram em choque com os objetivos thelêmicos.

Todo homem e toda mulher deve encontrar dentro de si, respectivamente, a *anima* (alma feminina do homem) e o *animus* (alma masculina na mulher), conceitos estes que o

⁵⁸ Id., Ibid.

⁵⁹ Id., Ibid.

⁶⁰ Uma explicação mais detalhada pode ser encontrada em: DUQUETTE, Lon Milo. “A Evolução da Fórmula Mágica”. In: **A Magia de Aleister Crowley**: Um manual dos rituais de Thelema. Trad. Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007. P. 31 – 39.

⁶¹ Frater Yvy Maraey. “A Mulher, o Homem e a Liberdade: Como os tempos atuais têm feito ambos os gêneros reconstruírem sua identidade”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro. Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 6.

Frater Yvy Maraey busca de Carl G Jung. Seria trabalhar os aspectos mais íntimos de cada um, pois “O ‘outro’ sempre nos ensina, exatamente porque nos faz ver além de nossos limites pessoais.”⁶² Através desse método seria possível chegar a um patamar de “uma conseqüente expansão de consciência, lucidez e entendimento de si mesmo, dos outros e do mundo. Essa também é uma forma de entender o casamento dos opostos, ou “casamento alquímico”, que realiza a Grande Obra.”⁶³

Dave Evans (2007, p. 23 - 24) explica que no final dos anos 60 havia um movimento entre alguns mágicos em expressar suas teorias de uma maneira mais científica, utilizando o modelo de Jung e seus arquétipos para explicar a natureza de entidades contatadas durante rituais. O ocultismo em geral assumiu a ideia de uma validação científica através de um método racional que vinha sendo formalizado desde o século XIX, com o surgimento de diversas Ordens iniciáticas, onde os principais “cabeças” eram indivíduos do ramo da medicina, químicos industriais, ou seja, bem versados no método racional científico.

O Frater Yvy Maraey assegura que, quando há uma diferenciação de gêneros imposta, quando há uma censura, acontece o desequilíbrio social. “A ideia de que existe uma cisão essencial de gêneros – ou mesmo de que gêneros se resumem a aparelhos reprodutores diferentes – vai sempre se desdobrar em conflito social, como acontece hoje.”⁶⁴ Esse conflito se desdobrará de maneira generalizada. Surgirá a vergonha como reflexo da repressão moral constituída quando o ser humano não se acomoda aos padrões pré-estabelecidos. Para vencer isso, é necessário ter amplo nível de entendimento de si e da própria liberdade. A mulher não deve definir o homem e vice-versa. Assim, as identidades anteriormente delimitadas pelos discursos começam a perder os seus significados e com essa dissolução de conceitos, a mulher se reescreve e se descobre:

(...) E que a mulher de hoje continue a libertar a si mesma dos grilhões do passado e auxilie o homem a se libertar de uma auto-imagem que se pretende poderosa, mas acaba sendo castradora. A nova mulher é mais do que a mãe, a esposa ou a irmã. Ela existe para si mesma, para se realizar, ativa, no

⁶² Id., Ibid.

⁶³ Id., Ibid.

⁶⁴ Frater Yvy Maraey. “A Mulher, o Homem e a Liberdade: Como os tempos atuais têm feito ambos os gêneros reconstruírem sua identidade”. **Revista Estrela Rubi**. Rio de Janeiro. Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011. P. 6.

Universo. A sua reinvenção será tudo o que ela mesma decidir. E, na verdade, esta nova identidade será uma faceta ou desvelar daquilo que sempre fomos (...).⁶⁵

A discussão da mulher em Thelema é bem mais ampla. A americana Brandy Williams⁶⁶ menciona o feminismo em Thelema como uma proposta possível e uma discussão frutífera e necessária apesar da presença de um discurso social de igualdade de gêneros (WILLIAMS, 2009, P. 161 – 185). A proposta da escritora thelemita é reforçar o feminino thelêmico, mostrando a força da mulher na sociedade a partir de uma preparação e um nível de consciência baseados nos ensinamentos e conceitos de Thelema.

Os conceitos de sexualidade e gênero em Thelema buscam não só a possibilidade e promoção espiritual através do encontro com o divino como também suplantam o discurso de sexualidade e gênero criados ao longo da história e que ainda servem de modelo para as religiões tradicionais. Hoje o sexo não é sinônimo de segredo quanto na era vitoriana. Ele não é mais escondido por debaixo dos vestidos ou na cama embaixo dos lençóis. O sexo está nas capas de revista, na internet e nos noticiários de TV. Ele é pode até ser comum, mas está sempre separado da coisa divina. O divino e o sexo não combinam e não se relacionam. É imoral. Entretanto, o sexo para Thelema é religioso e o indivíduo deve praticá-lo, sendo ele quem seja. Ele não é mais homem ou mulher, dissolve-se a noção dicotômica de gêneros em Thelema. É através do sexo que indivíduo alcança o divino como em oração. As técnicas de magia sexual utilizadas pelos thelemitas contestam os conceitos e a moral vigente e criam novos discursos que legitimam os seus interesses.

VI – CONCLUSÃO

Thelema é resultado de uma amalgama de idéias e culturas distintas. A seleção de Crowley para construção da sua Thelema mostra um objetivo: desligar-se das amarras do seu tempo. A crítica de Crowley se baseia essencialmente na Era Vitoriana e seu tradicionalismo: a delimitação do sexo como coisa privada.

⁶⁵ Id., Ibid., p. 7.

⁶⁶ Brandy faz parte da loja americana Sekhet-Maat. Algumas informações pessoais podem ser vistas em: http://sekhetmaat.com/wiki/Brandy_Williams Acesso em: 30 de Julho de 2013.

As várias culturas que o movimento thelêmico aderiu, tem como objetivo magno o desenvolvimento individual a qual os thelemitas chamam de encontro com o Sagrado Anjo Guardião que, em linhas gerais seria o encontro com o próprio self, ou o interior de cada indivíduo. Vemos que mediante a sociedade capitalista, o desenfreado consumismo e o mundo do trabalho, o ser humano vem buscando aspectos mais subjetivos de existência.

O foco Thelêmico é o indivíduo, o que choca com a defesa das religiões monoteístas onde o foco está na família como instituição formada pelo homem e pela mulher. Por isto, o homossexualismo, não encontra entraves na religião thelêmica. O indivíduo em Thelema é autônomo e deve buscar em si mesmo, o sagrado.

É possível verificar que, os discursos e posicionamentos dos autores nas revistas seguem esta linha. Recebem referencial dos preceitos de Thelema e orientações institucionais da Ordo Templi Orientis e sua instituição carioca, afinal os escritores em sua maioria são membros desta instituição.

Na *Estrela Rubi*, a questão do gênero não se apresenta como delimitação de um masculino ou feminino, mas um discurso que dissolve esses conceitos e constrói uma visão de gênero. A própria mulher, em Thelema assim como na revista, possui um papel destacado, não se admitindo segundo os conceitos tradicionais, como um feminino categorizado como detentor de fragilidade, tampouco nos padrões de severidade masculina. Ela é dificilmente conceituada, pois a própria ideologia thelêmica incentiva o desvinculo com as características de gênero comuns. Se a mulher ou o homem segue os parâmetros sociais de gênero, eles se desligam do sagrado na medida em que, não exploram o corpo. A noção de androgenia utilizada por Thelema expressa superação da dualidade homem/mulher e possibilidade do gênero, numa visão metafísica, como construção divina.

O discurso na revista identifica o corpo como instrumento do sagrado, dando a ele status de funcionalidade. O corpo passa a ser instrumento da Vontade e técnicas sexuais são empregadas para este fim. Se no cristianismo o corpo está reservado a relação família e a procriação, em Thelema, a sexualidade é divina e estimulada. Técnicas orientais e magia sexual estimulam o partícipe thelêmico, a encontrar o seu *self*. A sexualidade é portanto instrumento do *religare* e divulgada através das páginas da revista para este fim.

Foucault defende que ao longo da história o ocidente produziu discursos sobre a sexualidade que se constituíram em saberes e instrumentos de poder. Vimos que a religião thelêmica direciona uma crítica a muitos discursos hegemônicos que se estabeleceram como senso comum na sociedade, no entanto a revista reproduz aquilo que contesta. Talvez não em outras esferas (como o da própria experiência religiosa), mas no âmbito da revista percebemos o surgimento de *novos discursos*. A revista Estrela Rubi desempenha um papel não só de contra-discurso como também de propagação de novos. Ao mesmo tempo em que produz uma crítica aos conceitos que não se adequam as suas crenças, a revista produz novos discursos e novos saberes que legitimam aquilo que defendem. Existe um jogo de poderes entre a revista e a sociedade como um todo, na medida em que são produzidos por parte de ambas, diferentes discursos e saberes sobre o gênero e a sexualidade.

A revista Estrela Rubi possui um foco e um público muito específico. Ela não chega somente a membros da Ordo Templi Orientis carioca, mas também aos thelemitas do território nacional. No entanto, a pesquisa desenvolvida careceu de informações de como estas opiniões e ensinamentos sobre gênero e sexualidade são recebidos pelos seus leitores e de forma prática, como contribuem para o cotidiano destes, o que serviria para encorpar o alcance desta pesquisa que não se esgota nestas páginas.

VII - FONTES DE PESQUISA

Revista Estrela Rubi. Rio de Janeiro: Ano 01, Num 0, Ed nº 0, 21 de Junho de 2010.

_____ : Ano 01, Num 02, Ed nº 01, 23 de Setembro de 2010.

_____ : Ano 01, Num 03, Ed nº 02, 21 de Dezembro de 2010.

_____ : Ano 02, Num 01, Ed nº 03, 20 de Março de 2011.

_____ : Ano 02, Num 02, Ed nº 04, 21 de Junho de 2011.

_____ : Ano 02, Num 03, Ed nº 05, 23 de Setembro de 2011.

_____ : Ano 02, Num 04, Ed nº 06, 22 de Dezembro de 2011.

_____ : Ano 03, Num 01, Ed nº 07, 20 de Março de 2012.

_____ : Ano 03, Num 02, Ed nº 08, 20 de Junho de 2012.

_____ : Ano 03, Num 03, Ed nº 09, 22 de Setembro de 2012.

_____ : Ano 04, Num 01, Ed nº 11, 20 de Março de 2013.

VIII - SITES CONSULTADOS

- Ordo Templi Orientis – Brasil:
<http://www.otobr.com/index.php>
Acesso em: 07 de julho de 2013.
- Thelema: Espaço Novo Aeon:
<http://www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/>
Acesso em: 29 de setembro de 2012.
- Loja Quetzalcoatl: Ordo Templo Orientis – Brasil – Rio de Janeiro:
<http://www.quetzalcoatl-oto.org/site/>
Acesso em: 28 de julho de 2012.
- Astrum Argentum: A.º.A.º.
<http://www.astrumargentum.org/>
Acesso em: 02 de outubro de 2012.
- The Hermetic Library
<http://hermetic.com>
Acesso em: 17 de setembro de 2012.
- Acampamento Opus Solis – Belo Horizonte
<http://www.opussolis.com.br/>
Acesso em: 05 de setembro de 2012.
- Sekhet-Maat Lodge – Ordo Templi Orientis
<http://sekhetmaat.com/wiki/Home>
Acesso em: 20 de novembro de 2012.


IX- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A SENTINELA: Anunciando o Reino de Jeová. **Qual o conceito da bíblia sobre a moral sexual?** [S.l.] 1º de Novembro de 2011.

AUGÉ, Marc. **La force du présent.** In: Communications. França: Vol 49, p. 43 – 55, 1989.

- AYYTULLAH, Mortedha Motahari. **A Ética Sexual no Islam e no Mundo Ocidental**. Trad. Centro Islâmico no Brasil. São Paulo: Centro Islâmico no Brasil, 1ª Edição, 2008.
- BUSIN, Valéria Melki. **Religião, sexualidades e gênero**. São Paulo: REVER, ano 11, nº 01. Jan/Jun 2011.
- CROWLEY, Aleister. **Os Livros de Thelema**. Trad. Claudio Domingues Breslauer. São Paulo: Madras, 1997.
- CROWLEY, Aleister, **Cocaína**. Trad. Frater S.R. [S.l.], 1918.
- CULLING, Louis T. **A Manual of sex magick**. Saint Paul: Llewellyn, 1971.
- DUQUETE, Lon Milo. **A Magia de Aleister Crowley: Um manual dos rituais de Thelema**. Trad: Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MIZANZUK, Ivan Alexander. **“Faze o que tu queres”**:As noções de Ética e Moral nos escritos de Aleister Crowley em sua Thelema sob a luz da sociologia sensível de Michel Maffesoli. Mestrado em Ciências da Religião. PUC – SP: 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=186392
- LOPES, Bárbara Macagnan. **Os pecados em manuais de confesores ibéricos (séculos XIV-XVI)**. Revista Aedos. UFRGS, Vol. 3, n. 9, Agosto de 2011. P. 177 – 184.
- LOYOLA, Paulo de. **Palavras de Hierakonpolis**. Rio de Janeiro: Alphagraph, 2010.
- LUCENA, Mário. **“Sociedade Alternativa”**. In: *Raul Seixas: Filosofias políticas e Lutas*. São Paulo: Macbel, 2002. P. 81 – 82.
- MALAFAIA, Silas. **O Cristão e a Sexualidade**. Formato: DVD.[S.l.]: Editora Central Gospel. Ano 2011, 73 minutos.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **“Jesus me ama no darkroom e quando faço programa”**: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). Revista Polis e Psique, Vol. 1, Ed. Especial, 2011. P. 221 – 253.
- NAPOLITANO, Marcos. **“Desbunde, diversão e resistência: A cultura nos “anos de chumbo”**. In: *Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2006.

- SANTANA, Carla Tatiane Carvalho. **Estrela Rubi**: Expressão de Thelema no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Paradoxos da identidade**. *In*: Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009. P. 17 – 28.
- TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era**: A religiosidade do Pós-moderno. São Paulo: Loyola, 1996.
- WILLIAMS, Brandy. **Feminist Thelema**. *In*: Beauty and Strength: Proceedings of the Sixth Biennial National Ordo Templi Orientis Conference (Salem – Massachusetts August 10-12 2007). United States: United States Grand Lodge, Ordo Templi Orientis, 2009.



ESTRELA RUBI
Revista da Loja Quetzacoatl, Odo Temp II Oriental

Ano 02, nº 02
R\$ 0,00
Substituto de Inverno
21 Junho, 2011 e.v.
☉ in ☿, ☽ in ♋, ♃ in ♌
Anno IV.XIX

AS MULHERES DO NOVO AËON
ENTREVISTA COLETIVA REVELA COMO DIFERENTES IRMÃS THELEMITAS ENXERGAM A SOCIEDADE, O UNIVERSO E A SI MESMAS. ▶pág. 8